

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO: CIÊNCIAS DA NATUREZA

Camila Martins Grellt

**O CLUBE DE CIÊNCIAS DO CAMPO:
Caminhos para o Diálogo dos Saberes.**

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza.

Orientadora: Profa. Dr. Tatiana Souza de Camargo

Coorientador: Prof. Dr. José Vicente Lima Robaina

Porto Alegre

RESUMO

Este trabalho apresenta o resultado da trajetória da minha formação acadêmica no curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza, a partir da implementação do Clube de Ciências Saberes do Campo, um clube localizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rui Barbosa, em Nova Santa Rita, no Assentamento Capela. Através desta proposta, buscou-se discutir a possibilidade de que o Clube de Ciências do Campo possa funcionar como uma potente ferramenta para a Educação do Campo, promovendo o diálogo com a comunidade, a territorialidade e a agroecologia. Nesse sentido, as análises e discussões que serão apresentadas neste estudo, foram baseadas na análise do Caderno de Campo e nas vivências deste período de envolvimento com a escola. Dessa maneira, através destas análises foi possível observar uma mudança na escola e uma aproximação com a comunidade, além da ampliação dos conhecimentos por parte dos educandos, promovendo assim a autonomia e possibilitando uma ampliação da visão de mundo dos mesmos.

Palavras-chave: Educação do Campo. Clube de Ciências. Ciências da Natureza. Agroecologia. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

This paper presents the results of my academic training in the course of Countryside Education: Natural Sciences, in the implementation of Saberes do Campo Science Club, a science club located in the Rui Barbosa Municipal Elementary School in Nova Santa Rita, in the Chapel settlement. In order to do this, we discuss the possibility of the Countryside Science Club as a powerful tool for countryside education, promoting dialogue with the community, territoriality and agroecology. The analyzes and discussions that will be presented here were based on the field book and the experiences of this period of involvement with the school. Through these analyzes we could observe a great change in the school and an approximation with the community, as well as the students expanded their knowledge, promoting the autonomy and making possible to broaden their vision of the world.

Keywords: Countryside Education. Science club. Natural sciences. Agroecology. Elementary School.

APRESENTANDO O CONTEXTO DA PESQUISA

Este artigo apresenta o resultado da trajetória da minha formação acadêmica no curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza, sendo este uma pequena parte de muitas aprendizagens e vivências experimentadas durante o curso, onde muitos professores contribuíram nessa formação e caminhada profissional.

Neste trabalho, buscamos retratar a história da implementação do Clube de Ciências Saberes do Campo, localizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Rui Barbosa, em Nova Santa Rita, no Assentamento Capela. A partir disso, busca-se discutir a possibilidade de que o Clube de Ciências do Campo possa funcionar como uma potente ferramenta para a Educação do Campo, promovendo o diálogo com a comunidade, a territorialidade e a agroecologia.

Este Clube de Ciências Saberes do Campo aconteceu como uma tentativa de romper as barreiras das paredes da sala de aula e desvendar o mundo colorido que existia lá fora, no pátio da escola, nas propriedades, na comunidade e arredores, criando uma aproximação com as famílias, movimentando a escola e estudando as ciências da natureza no seu ambiente real, através de atividades práticas de fácil execução e entendimento das crianças, voltadas à aprendizagem significativa.

Além disso, o Clube de Ciências Saberes do Campo buscou desenvolver a interação entre a escola e a comunidade, sendo que, além da construção de conhecimentos científicos, também foi estimulada a versatilidade e a criatividade das ideias para soluções de problemas do cotidiano, ligando saberes científicos aos saberes populares e valorizando a identidade camponesa, levando em consideração a realidade da comunidade escolar, contemplando, assim, os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos de gênero, geração e etnia.

Nesse contexto, a prática educativa vivida nesse Clube de Ciências Saberes do Campo levou em conta as necessidades da comunidade contemplada nesta proposta, compreendendo a importância do papel da educação no desenvolvimento dos seres humanos.

Baseada no desenvolvimento integral das pessoas a partir de um enfoque humanista Freireano, no qual se parte dos saberes populares da comunidade escolar e se (trans)forma os saberes, na ação-reflexão-ação, a fim de se desenvolver uma educação contextualizada com a realidade da comunidade, considerando as raízes, cultura, tradições e história, possibilitando

aos educandos uma ampliação da sua visão de mundo, além de promover a autonomia, a cooperação, a pesquisa e a transformação do meio em que vivem.

Nesse movimento, entendemos, assim como diz Freire (1996, p. 34), que “não há saberes mais ou menos, há saberes diferentes”, ou seja, não apenas se sobrepôr um saber ao outro, mas buscou-se conciliar os saberes populares aos saberes científicos, fazendo com que, nessa articulação, muitas vezes nos enxergássemos como aprendizes, pois foi necessário realizar pesquisas sobre algumas questões do campo, além de também aprender com os educandos e suas famílias.

Dessa maneira, além da consideração sobre os saberes da comunidade, outra questão importante neste processo esteve ligada a agroecologia, sendo que esta se fez presente na maioria das famílias dos educandos, visto que muitos deles eram pequenos produtores orgânicos ou cooperativados. A partir disso, na maioria das vezes, foi necessário buscar alternativas dentro das questões agroecológicas, incluindo aqui desde os mais simples manejos, como cuidados com a terra, controle de pragas, cuidado com a criação e observação de fenômenos da natureza. Assim, é esta conversa, são estes relatos e histórias de uma produção pedagógica, que venho trazer aqui.

EDUCAÇÃO DO CAMPO

Quando iniciei o curso de Licenciatura em Educação do Campo: Ciências da Natureza, buscava uma resposta para a pergunta que não deixava de gritar dentro da minha cabeça: o que é Educação do Campo? Depois de muito tentar achar a resposta, hoje eu, concluinte desse curso, me deparo novamente com esta questão. Então, inicialmente quero afirmar que posso até não saber corretamente todos os aspectos que estão ligados à esta questão, mas entendo um pouco mais sobre esse Campo, este que não está apenas distante da cidade, mas sim, que é um campo de conhecimento riquíssimo, campo de produção de conhecimento, de lutas e de muita vida. Não se trata apenas de território, de plantações, distâncias e gente simples trabalhadora: são vivências que devem ser ouvidas, de pessoas e famílias que precisam ser conhecidas, de trabalho que precisa ser reconhecido, um campo que constantemente gera vida e luta por ela.

Enfim, *Educação do Campo* não é apenas um lugar, ou pessoas de um lugar, mas sim, um posicionamento da minha prática educativa, de como eu olho, de como me dirijo àquelas

peças e lugar, de como me envolvo com aquela comunidade e como trabalho tudo isso na minha prática pedagógica, na busca pela autonomia, voltada para a cidadania e para uma educação libertadora. A *Educação do Campo*, nesse sentido, deve levar em conta as questões do cotidiano da sua comunidade, dentro de uma proposta pedagógica diferenciada, voltada aos trabalhadores do campo.

A partir disso, quando discutimos a Educação do Campo, segundo Arroyo (1998), também estamos tratando da educação que se volta ao conjunto dos trabalhadores e das trabalhadoras do campo, sejam estas nações indígenas ou sejam os diversos tipos de assalariados vinculados à vida e ao trabalho no meio rural. Dessa maneira, nosso propósito é conceber uma educação básica do campo voltada aos interesses e ao desenvolvimento sociocultural e econômico dos povos que habitam e trabalham no campo, atendendo às suas diferenças históricas e culturais, a fim de que vivam com dignidade e que, organizados, resistam contra a expulsão e a expropriação. Ou seja, este do campo mantém ligação com o pluralismo das ideias e das concepções pedagógicas: ele diz respeito a identidade dos grupos formadores da sociedade brasileira (ARROYO, 1998).

Além disso, a Educação do Campo deverá contemplar a comunidade, sempre levando em consideração os eixos temáticos: terra, cultura e trabalho (BRASIL, 2012).

EXPERIÊNCIA E HISTÓRICO DE ENVOLVIMENTO COM A ESCOLA

A trajetória aqui narrada teve início em 2014, quando fui convidada para fazer a supervisão das cinco escolas do campo localizadas no município de Nova Santa Rita. Inicialmente, fiquei muito triste, pois ser enviada para estas escolas era visto como um castigo para qualquer professor, sendo que esse pensamento permaneceu por muito tempo dentro do município e, atualmente, perdeu um pouco de sua força. Nessa jornada, contei com uma parceira de trabalho, Janaína da Rosa Pereira, a qual ocupava o cargo de orientadora. Juntas, fizemos uma peregrinação dentro do município, visto que as escolas eram distantes entre si. Com o passar do tempo e os ajustes da administração, fomos separadas e iniciamos o desenvolvimento de trabalhos centralizados em algumas das escolas. Assim, eu fiquei responsável pelo pedagógico de duas escolas, sendo que uma delas foi a escola em que atualmente sou diretora.

Durante esse processo em que estive como supervisora na escola, muitas coisas não puderam ser realizadas, pois eu dependia da chefia imediata, a qual entendia muito menos de Educação do Campo do que eu. Nesse meio tempo, fui convidada pela Secretária de Educação para ingressar no curso de Licenciatura em Educação do Campo da UFRGS e, assim, teve início um novo capítulo na minha vida profissional, pois eu, que nunca tinha ouvido falar em Educação do Campo, estava tendo a oportunidade de adquirir um embasamento para nortear os trabalhos realizados nas escolas em que trabalhava.

Por algum tempo, tentei implementar algumas práticas na escola, mas como não era diretora, muitas de minhas ideias acabavam sendo negadas. Até que, no ano de 2015, foram realizadas as primeiras eleições de indicação de diretores em nossa cidade. Inicialmente não pensei em me candidatar, mas sabia que, para ter a oportunidade de realizar as coisas que eu vinha aprendendo na faculdade, teria que alcançar um cargo que transcendesse à supervisão escolar, ainda mais considerando que, na verdade, em minha função eu mais substituía professores do que norteava um trabalho pedagógico.

Ao concorrer na escola, tendo sido um momento muito difícil e de muitas situações complicadas no aspecto de relacionamento com a oponente, me vi eleita pela comunidade escolar. E logo após, em 2016, iniciou-se um novo tempo nessa escola, tempo de reconciliação e parceria com a comunidade escolar, tempo de cuidado com as crianças, de afeto e de amizades com minhas colegas. Dessa maneira, acredito ser possível afirmar que este foi um período de humanização, onde o cuidado, carinho e a participação foram constantes.

Porém, além de buscar mudar o clima e as relações com educandos e a comunidade, também tivemos muito trabalho a fazer. Como minhas colegas sempre me apoiavam nas tarefas como educanda do curso, elas também acabaram tendo um contato com a formação, sendo que este ficou muito mais próximo depois que assumi a direção. Dessa forma, visando transformar o fazer pedagógico da escola, nos unimos para organizar toda a documentação, como Regimento Escolar e o Projeto Político Pedagógico (PPP). Ressalta-se que estes documentos foram elaborados com o apoio da professora Tatiana Souza de Camargo, durante os planejamentos coletivos, juntamente com todo coletivo educador da escola. Assim, além de momentos de muito estudo, também tivemos saídas de campo que nos possibilitaram visitas a instituições escolares de diferentes municípios, onde tivemos contato com escolas do campo

que já estavam estruturadas e já possuíam uma normativa de escola do campo municipal, sendo esta de extrema importância.

Nesse trajeto, fomos elaborando os documentos necessários em conjunto com a realização de reuniões com a comunidade, fazendo com que estes adquirissem a cara da nossa escola, não sendo apenas cópias de outros documentos de escolas da cidade, almejando assim, de fato, uma Educação do Campo que respeitasse e valorizasse nosso fazer pedagógico. Durante todo esse processo, estivemos em constante aprendizado, tendo muitos professores da UFRGS que foram nossos parceiros e que fizeram e fazem parte dessa história.

Ademais, entre todas essas mudanças, momentos de estudo e parcerias, também fomos convidadas para a formação do programa de extensão Preveduc: Formação de Professores e Educandos da Lecampo, abordando a temática do Clube de Ciências, sob coordenação do professor José Vicente Lima Robaina.

A partir disso, as análises e discussões que serão apresentadas neste estudo tiveram como base o material do caderno de campo e as vivências desse período de envolvimento com a escola. Este caderno de campo configurou-se como um diário, o qual continha todas as atividades desenvolvidas ao longo da realização do clube, como, por exemplo, os relatos das atividades desenvolvidas, os trabalhos apresentados em eventos e os relatos dos pais e educandos em diversos momentos de participação nas atividades propostas.

CLUBE DE CIÊNCIAS

O que é um clube? Para Mancuso, Lima e Bandeira (1996), Clube de Ciências é a associação de indivíduos curiosos, um local de reunião, um espaço científico, uma associação de jovens organizados previamente segundo objetivos específicos, um grupo que desenvolve o saber, uma atividade extraclasse, e uma forma alternativa de fazer ciência. Contemporaneamente, Silva et al. (2008,p.63) definem Clube de Ciências como: “[...] local onde as atividades são desenvolvidas em horário de contra turno, sendo voltadas ao estudo, ao desenvolvimento de projetos e debates sobre temas que envolvem ciências e um local onde sócios expõem suas ideias, suas curiosidades.”

Inicialmente, quando pensamos na proposta do Clube de Ciências do Campo, nós educadoras estávamos muito ligadas ao pensamento científico dos livros, das experiências de laboratório ou até do modelo de feiras de ciências, pois esta era nossa concepção e referência

tanto como professoras quanto como alunas, estando nosso conceito de clube estritamente ligado à um espaço físico, a experiências, explosões, fumaça, substâncias mudando de cor. Entretanto, este modelo de clube não atenderia nossas demandas.

Dessa forma, através de formações, estudos em grupo e pesquisas, fomos construindo nosso pensamento sobre um clube que encontrasse significado dentro da proposta de Educação do Campo. Com isso, aos poucos, fomos criando nosso espaço, sendo que este não tinha uma sala física e não estava baseado apenas em experimentos, mas sim, mantinha estreita ligação com os saberes da comunidade, acontecendo diariamente no pátio da escola e buscando, através da investigação de problemas e situações na comunidade escolar, aprofundar os conhecimentos, investigar e criar hipóteses, partindo da ação-reflexão-ação do processo de aprendizagem.

Entendemos que a educação científica, desde os primeiros anos do ensino fundamental, tem um papel importante na criação de um perfil de aluno pesquisador, criativo, curioso, partindo de atividades práticas, não estando apenas ligada a afirmação do pensamento científico dos livros, mas criando novas hipóteses, fazendo relações e questionando as respostas, possibilitando transformar esses processos em novas aprendizagens. Um aspecto importante é conseguir fazer com que os próprios educandos percebam que, além do significado social dos saberes científicos, sua história de avanços e desempenho tecnológico ao longo dos tempos, também se torna fundamental que estes consigam relacioná-los com suas ações diárias, estimulando o gosto pela aprendizagem além da escola.

Nesse sentido, a criação de um Clube de Ciências deve possibilitar o desenvolvimento interativo entre escola e comunidade, através do qual, além da construção dos conhecimentos científicos, também se buscará estimular a versatilidade, a criatividade e as ideias para soluções de problemas, criando assim competências intelectuais e comportamentais importantes para a construção da cidadania.

CLUBE DE CIÊNCIAS DO CAMPO

O Clube de Ciências Saberes do Campo (CCSC) iniciou suas atividades no final do mês de maio de 2016, realizando uma caminhada pela comunidade para explorar e conhecer o ambiente ao entorno da escola, sendo que esta serviu de reconhecimento tanto para educandos como educadores, pois foi possível se ambientar mais ao território, conhecer as casas das

crianças, propriedades, plantações, a vida do trabalho das famílias, a geografia local, a fauna e a flora.

O CCSC teve como objetivo incentivar e oportunizar aos discentes a iniciação científica desde os primeiros anos do ensino fundamental, contribuindo assim com o acesso ao conhecimento científico de forma ativa e crítica, estabelecendo relações com sua realidade e cotidiano, estudando as ciências da natureza no seu ambiente real, através de atividades de fácil execução e entendimento das crianças, voltadas à aprendizagem significativa.

Para Ausubel (apud MOREIRA, 1999) a aprendizagem significativa é um processo por meio do qual uma nova informação relaciona-se com um aspecto relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo, ou seja, este processo envolve a interação da nova informação com uma estrutura de conhecimento específica. Assim, as atividades do CCSC aconteciam uma vez por semana, normalmente nas quintas-feiras, no turno da manhã, sendo que as temáticas trabalhadas partiam, muitas vezes, das necessidades ou curiosidades das próprias crianças, ou até englobando assuntos pertinentes ao cotidiano escolar ou familiar, estando estes relacionados com as aulas.

Dessa forma, inicialmente os assuntos estavam ligados ao grande eixo temático que norteava o trabalho do trimestre, tendo este sido escolhido em reunião com o coletivo educador da escola. Após encerrado este tema, foram abordados os subitens, os quais eram assuntos oriundos do eixo principal, porém, todos ligados ao tema do eixo. Além disso, as saídas de campo ou visitas a outras comunidades ou locais, serviam de apoio e aprofundamento das pesquisas, possibilitando outras vivências a fim de traçar um paralelo com a nossa realidade.

Os materiais utilizados foram diversos, porém, nenhum deles que não fizesse parte do cotidiano escolar, pois não contávamos com investimentos ou apoio de colaboradores de fora da escola, sendo necessário utilizar os materiais disponíveis. Os educandos realizavam experiências de fácil execução e divertidas que ajudavam a compreender as maravilhas que aconteciam no mundo em nossa volta. A partir disso, os educandos eram desafiados a questionar os fenômenos do dia a dia, tentando levantar hipóteses para dar respostas às questões iniciais, visando a interpretação e conclusão das observações.

Dessa forma, o Clube de Ciências Saberes do Campo de nossa escola conseguiu contemplar a proposta de educação integral harmoniosamente, sendo que no cotidiano escolar as atividades pareciam se encaixar, não tendo divisões entre aula, experimento ou clube,

sempre trabalhando a totalidade, sendo mais uma atividade da escola. Nesse sentido, “a escola de turno integral pode ser um espaço-tempo em que a educação também torne-se integral e integrada, possibilitando a cada educando(a) e educador(a) os desafios e as condições para descobrir-se, assumir-se e ser mais.” (MOLL, 2012, p. 83).

Além disso, uma atividade complementava a outra, fazendo com que todos participassem juntos. De forma semelhante, todas as educadoras trabalhavam com todos os educandos da escola, oportunizando que todos compartilhassem a experiência, trocando saberes e aprendendo. Pode-se perceber os resultados através dos relatos e comportamentos das crianças, seja através de suas conversas rotineiras ou mesmo no simples ato de apresentar a escola para os visitantes que chegavam.

Assim sendo, a partir da formação inicial do professor José Vicente Lima Robaina, o Clube de Ciências Saberes do Campo nasceu através de uma construção coletiva, inicialmente do coletivo educador da escola e, aos poucos, foi crescendo com ajuda e colaboração dos educandos e comunidade escolar, sem falar dos convidados que apoiavam nossas atividades. O coletivo educador tinha formação continuada através do apoio dos professores José Vicente Lima Robaina e Tatiana Souza de Camargo, os quais acompanhavam, mensalmente, as formações através dos planejamentos coletivos, sendo estes momentos de estudo e planejamento das atividades e resultados, além de proporcionar saídas de campo aos educadores, possibilitando assim novas experiências.

Ressalta-se que as atividades diversificadas e as contribuições constantes de cada pessoa, tornaram a escola e o Clube de Ciências um espaço que afirmava a educação integral a todo momento, desenvolvendo as crianças como seres integrais, de inteligências e habilidades múltiplas.

A partir disso, após montada a proposta do Clube de Ciências pelo coletivo educador, foi apresentada a proposta para os educandos, os quais adoraram a ideia, tendo sido então lançada a primeira atividade do clube, consistindo em criar um mascote que o representasse. Os educandos, juntamente com suas famílias, se empenharam na atividade, apresentando ótimas ideias, desenvolvendo explicações muito consistentes e largamente defendidas por seus autores. Assim, no dia da abertura do clube, onde contamos com a presença de diversos professores da UFRGS em nossa escola, foi eleito o desenho que representaria o mascote do clube, tendo sido escolhido o trabalho do educando do quarto ano, o qual desenhou uma coruja que representava a sabedoria: sabedoria das famílias e da escola.

A partir deste momento, o clube sempre buscou a aproximação da escola com a comunidade escolar através de variadas atividades, oferecendo a oportunidade para que cada um pudesse contribuir com seus saberes. Conhecer a comunidade e os saberes envolvidos naquele território foi o eixo norteador do trabalho escolar, possibilitando assim estudar os conteúdos no seu ambiente real, como nos diz Arroyo (1998, p. 34): “Nesse sentido, uma escola do campo não precisa ser uma escola agrícola, mas será necessariamente uma escola vinculada a cultura que se produz através de relações sociais mediadas pelo trabalho na terra.”

AS ATIVIDADES DO CSSC

Entre as muitas atividades desenvolvidas no clube, tivemos o estudo das borboletas, o qual iniciou através de um casulo encontrado pelos educandos da pré-escola no pátio da escola, tendo chamado a atenção de todos e, dessa maneira, nos possibilitando um estudo sobre diversos temas. Assim, iniciamos pesquisando sobre a metamorfose das borboletas, sendo que as fases da metamorfose foram expostas nas portas das salas de aula, fazendo com que cada uma das portas representasse uma parte do processo. Também solicitamos para as famílias, na forma de um questionário, que pudessem nos relatar como era feito o manejo na horta quando apareciam lagartas, incluindo questionamentos sobre como eles espantavam as mesmas, entre tantas outras atividades realizadas a partir deste tema norteador.

Em um dos relatos, uma das famílias relatou que: “Para evitar a infestação de lagartas colocamos calda de fumo sobre as plantas. Também é importante manter outras plantas com cheiro forte nos canteiros.” A partir dessas falas, buscamos aprender com essa família como se fazia essa calda e qual a periodicidade de pulverização. Assim, a partir desse conhecimento prático, nós educadores fomos buscar a explicação científica para esse processo. Muito mais que apenas uma experiência, as crianças trabalhavam todo o processo de aprendizagem, afirmando novamente a importância de um manejo consciente, sem o uso de agrotóxico, voltado a agroecologia e a produção de vida.

Para nosso espanto, os alunos, a partir dali, perceberam que deveriam observar esses fenômenos da natureza sem interferência, não devendo retirar o casulo do lugar, pois poderiam matar a borboleta. Da mesma maneira, alguns alunos, por conta própria, pesquisaram e trouxeram para apresentar aos demais colegas outros animais que também faziam a metamorfose, incluindo dados sobre o tempo e também sobre a metamorfose

completa e incompleta. A partir deste trabalho, foram surgindo outros assuntos, como, por exemplo, a turma do pré, a qual trouxe curiosidades sobre os amiguinhos da horta, aqueles que ajudam a controlar as pragas, pois descobriram que, além de borboletas, haviam pulgões, joaninhas e minhocas naquele espaço, sendo que todos eram muito importantes.

Atualmente, estamos muito envolvidos no eixo temático sobre cooperativismo, sendo está uma ideia que já gostaríamos de ter desenvolvido na escola, visto que em nossa comunidade há uma grande cooperativa que produz arroz orgânico, carne de porco e outros produtos. Esta ideia de uma cooperativa escolar nos foi apresentada em uma formação orientada pela professora Tatiana Souza de Camargo, quando visitamos as escolas do campo de Ivoti. Nesse sentido, nosso objetivo era formar uma cooperativa escolar que possibilitasse a autonomia, trabalho coletivo, liderança e postura das nossas crianças.

Ao encontro do nosso desejo, no início do ano letivo de 2018, encontramos nossa horta tomada por formigas e logo pensamos: está aí a nossa oportunidade de estudar essa situação na horta usando este contexto como um modelo de cooperação. Assim, ao investigar com as crianças a situação da nossa horta, começamos a estudar a vida das formigas e, com isso, buscar nas famílias soluções para afastá-las. A partir de então, as crianças trouxeram inúmeras receitas caseiras, sendo que realizamos os experimentos na própria horta, fazendo com que os mesmos anotassem nos diários do clube como estavam se desenvolvendo as experiências e quais estavam dando resultado.

Além disso, cada turma montou, em sua porta da sala de aula, um tipo de formiga, ficando responsável por estudar e pesquisar uma curiosidade sobre o tema, trazendo-a para apresentar para todos. Assim, pesquisaram sobre os tipos de formigas, sua importância no mundo, suas partes, como funciona um formigueiro, um formigueiro por dentro, a construção de um formigário e o próprio modelo de cooperativa.

Na realização da atividade inicial que abordava este tema, tivemos uma roda de conversas, onde foram apresentadas as retrospectivas do CCSC, além de contar com a presença do pai de uma educanda, o qual veio nos relatar a história da cooperativa local, contando como iniciaram, suas dificuldades e os benefícios desse tipo de organização. Este pai apresentou uma fala muito didática para as crianças, fazendo relações que englobavam às suas idades e os encantando com a proposta do trabalho cooperativado.

Acerca da interação das atividades do Clube de Ciências Saberes do Campo, esta ocorreu através da interdisciplinaridade de temas e atividades que foram realizadas.

Inicialmente, a professora coordenadora organizou as atividades em torno do tema trabalhado, para, posteriormente, apresentar ao grande grupo. As demais educadoras auxiliavam através do trabalho em suas salas, mas, na maior parte das atividades, a proposta era de responsabilidade da coordenadora. Com o passar do tempo, com o amadurecimento do grupo e com as necessidades que se apresentavam, começamos a perceber que deveríamos criar possibilidades de autonomia aos educandos, sendo eles protagonistas do processo, assim como afirma Arroyo (1998, p. 12): “uma lição importantíssima para o pensamento pedagógico: não esquecer dos sujeitos da ação educativa, de seus processos formadores. Não vê-los como destinatários passivos de propostas.”

Dessa forma fomos, gradualmente, colocando a responsabilidade para as crianças, fazendo com que, automaticamente, o coletivo educador também fosse ficando mais integrado. Assim, trabalhava-se o tema central, mas todas as professoras ficavam envolvidas no processo e cada turma tinha a responsabilidade de apresentar a atividade desenvolvida durante a semana, ou pelo menos o simples fato de relatar o que estavam pesquisando.

Atualmente, conseguimos nos reunir quinzenalmente num período, a fim de organizar a ideia central das atividades, sendo que cada uma já faz suas colaborações, traz propostas e fica responsável por fazer uma atividade sobre o tema, compartilhando-a com toda escola no dia do clube. Nesse sentido, a interdisciplinaridade acontece a todo o momento, não sendo algo forçado, pois, quando se estuda através das ciências da natureza, precisamos trocar diversas informações e conhecimentos, conseguindo que o assunto trabalhado não perpassasse apenas uma disciplina, mas sim, possibilite o conhecimento completo acerca do tema abordado, fazendo com que a forma trabalhada contemple os cinco sentidos: desde a audição até experiências de olfato, paladar, tato, visão e sentimento. Com tudo isso, a escola encontra-se em constante movimento, afinal todos os dias cada turma tem seus afazeres e responsabilidades, como cuidar da horta, da composteira, do galinheiro, do pátio e de outros espaços, estando estas atividades também relacionadas ao clube, possibilitando assim que a escola se configure como um espaço educativo, o qual dialoga com a realidade daqueles sujeitos.

A partir disso, inúmeras vezes foram as crianças e as famílias que nos ensinaram sobre o cultivo de hortaliças e o manejo da terra, criando uma aproximação entre comunidade e escola. As famílias entenderam esse processo pedagógico que a escola tentava buscar, o qual valorizava os conhecimentos e o trabalho da comunidade. Essa ligação com a realidade dos

educandos nos possibilitou avançar na aprendizagem, pois sempre estávamos criando algo a partir de uma situação ou tema já conhecido pelos educandos, fazendo com que todos tivessem a possibilidade de colaborar e agregar algo a mais sobre aquele conhecimento, oportunizando assim a aprendizagem significativa.

Sendo um clube ligado a vida, que tornava a escola um ambiente educativo em todos os seus espaços, que buscava conversar com seus sujeitos, que valorizava suas histórias de lutas e que, necessariamente, se voltava a essa comunidade e sendo necessário nos colocar como aprendizes nesse processo, a escola acabou se tornando mais ativa, movimentada, alegre. De forma semelhante, Kindel (2012, p. 16) refere que “as múltiplas crianças que chegam às escolas brasileiras neste século XXI exigem que as propostas de trabalho sejam cada vez mais diversas, criativas e tenham algum significado para suas vidas.”

Ademais, muitos pais também puderam ver seu trabalho valorizado no discurso da escola. Para que tudo isso pudesse acontecer, nós, educadores, tivemos que entender que precisávamos conhecer essa comunidade, que esta atividade não poderia ser algo apenas superficial, que exigiria de nós conhecer a história daqueles sujeitos e aprender muito com eles.

No trabalho de educação e particularmente na escola de educação básica, buscar conhecer o lugar que se insere, e suas relações sociais e ecológicas com as questões da realidade mais ampla, integra uma determinada concepção de educação e escola. Na concepção que nos orienta, é preciso pensar a escola como parte de processos formativos que constituem a vida social e as relações entre ser humano e natureza, intencionalizados em uma direção emancipatória. Por isso, a escola não pode desenvolver sua tarefa educativa apartada da vida, suas questões e contradições, seu movimento. (CALDART, 2010, p. 1).

Durante este espaço de tempo em que o CCSC exerceu suas atividades em nossa escola, foi possível afirmar, como educadoras, que as crianças evoluíram no processo de aprendizagem, estando este não apenas voltado para a aquisição de conhecimentos, mas sim, no seu desenvolvimento integral. O relato de um dos alunos do 4º ano retratou bem esta situação: “O Clube de Ciências Saberes do Campo é importante porque nos ensina coisas diferentes que as outras escolas, aprendemos a vida do campo e a cuidar da natureza.” Nesta frase se reafirmou a importância do clube no cotidiano escolar, onde as crianças conseguiram identificar a importância do cuidado com natureza e vivências do seu cotidiano, colocando-se também como uma prática diferente, voltada às coisas simples da vida camponesa.

Também foi possível perceber que, no período de atividades do clube, as crianças participavam com entusiasmo, como visto através do relato da educadora DM: “Todas as crianças ficam observando e sabem tudo o que foi passado. É um momento em que se sente que eles realmente prestam atenção em tudo.” Outro aspecto muito observado pelas educadoras foi a integração e participação dos alunos nas atividades do clube, como demonstrado através dos relatos a seguir: “A interação dos alunos, isso os motiva. Eles ficam todos empolgados quando chega o dia do clube, pois sabem que é um momento de aprendizagens.” (DM). “Para mim o clube é empolgante, as crianças vibram a cada dia de clube, demonstrando muito interesse, relatam em casa as atividades e se sentem importantes e felizes.” (GG). Além disso, quando questionada se achava o clube importante e qual seria a justificativa para sua resposta, a educadora SR referiu: “Sim, ele faz com que aprendemos ciências com base na nossa realidade, olhando ao redor e entendendo o que esta acontecendo. O nosso entorno é um laboratório contínuo. E isso ampliou nossa forma de fazer educação.”

APONTAMENTOS FINAIS

As experiências aqui relatadas não servem apenas para apontar ou afirmar que o Clube de Ciências Saberes do Campo serve como ferramenta de aproximação com a comunidade. Aqui tento apresentar uma síntese de toda uma mudança de pensamento pedagógico perpassada através desta ferramenta que é o Clube de Ciências, a qual, para nós, coletivo educador, está dando ótimos resultados, não apenas na aprendizagem das crianças e no interesse dos educandos e educadores, mas também, frente ao fato de dar vida a uma escola, criando possibilidades de interesse pelo estudo, pela investigação, fazendo com que percebêssemos, como educadores, que se faz necessário diminuir a distância entre o que se diz e se fala, até que, num dado momento, tua fala seja a tua prática: caminhamos nessa busca.

Com certeza, podemos afirmar que o CCSC foi uma ferramenta poderosa de comunicação entre a comunidade, fazendo com que os pais conseguissem ver os avanços na aprendizagem dos seus filhos. Confirmamos este fato ao escutar relatos na roda de mate, das crianças da pré-escola, as quais conseguiram ouvir e organizar seus pensamentos, criando novas aprendizagens e nos trazendo retorno sobre os temas trabalhados.

Sabemos que ainda temos um longo caminho a percorrer, caminho de estudo e aprendizagens, mas temos certeza que esse novo processo possibilitará uma nova vivência

para as crianças, afinal, elas já estão muito empolgadas com a criação da cooperativa escolar em nossa escola, aspectos que reafirmam a importância do trabalho coletivo, a valorização do trabalho dos seus familiares e a possibilidade de novas aprendizagens, relacionadas ao seu cotidiano.

Desafios são muitos, diante de um contexto político desfavorável para a educação pública brasileira, com pouco incentivo e parcerias. Temos um longo caminho a percorrer, pois não nos faltará campo de estudo, fazendo com que nossos objetivos sejam sonhados a longo prazo, voltados ao aprofundamento dos conceitos de ciências da natureza, com um grau de estudo mais científico, possibilitando uma investigação física, química e biológica dos fenômenos.

Entretanto, todas estas perspectivas estão voltadas à autonomia e emancipação dos estudantes, possibilitando que eles se tornem agentes dessa educação, que consigam desenvolver uma autonomia nas decisões de suas tarefas, que se organizem como coletivo a fim de adquirirem mais força e perseverança, que consigam, com o tempo, lembrar desses bons momentos vividos na escola, pois é, afinal, o que levamos dessa vida acadêmica: não só conhecimento, mas as relações e as intervenções que nos proporcionaram este conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Ao final desta etapa, gostaria de agradecer primeiramente a Deus pela vida e saúde. A família por entender minhas ausências e me apoiar sempre.

Muitas pessoas foram importantes nessa construção, como família, amigos, colegas, educandos, pais de alunos, comunidade escolar e inúmeros professores que contribuíram nesse processo de ensino aprendizagem com seus ensinamentos e exemplos a serem seguidos: a todos eles, meu muito obrigada.

Em especial, aos professores Tatiana Souza de Camargo e José Vicente Lima Robaina, por toda paciência, apoio e incentivo que me deram ao longo do curso: meu muito obrigada e carinho todo especial.

Às minhas colegas parceiras de jornada, lutas e vitórias.

A todos os envolvidos e responsáveis pela E.E.E.M. Nova Sociedade, onde realizei meus estágios e sempre fui muito bem recebida.

Um grande e fraterno abraço a todos e muito obrigada!



Dia da formação aos educadores da escola.



Logo do Clube de Ciências Saberes do Campo



Educandos em visita a cooperativa local, redescobrimo a comunidade.



Metamorfose na porta da sala de aula.



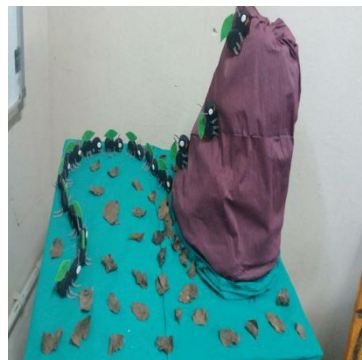
Metamorfose, lagarta se alimentando.



Metamorfose, borboletas na porta da sala.



Formigueiro por dentro, feito em placa de isopor.



Formigueiro e formigas.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. **Por uma Educação do Campo**. 5. ed. Porto Alegre: Editora Vozes, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Inclusão – SECADI. **Educação do Campo: marcos normativos**. Brasília: SECADI, 2012.

CALDART, Roseli Salete (Org.). **Caminhos para transformação da escola: reflexões desde práticas da Licenciatura em Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KINDEL, Eunice Aita Isaia. **Práticas pedagógicas em Ciências: espaço, tempo e corporeidade**. Erechim: Edelbra, 2012.

MANCUSO, Ronaldo. **Clubes de Ciências: Criação, Funcionamento, Dinamização**. Porto Alegre: CECIRS, 1996.

MOLL, Jaqueline. **Caminhos da educação integral no Brasil: direito a outros tempos e espaços educativos**. Porto Alegre: Penso, 2012.

MOREIRA, Marco Antônio. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: EPU, 1999.

SILVA, J. B. et al. Projeto criação Clubes de Ciências. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, v. 4, n. 1, p. 63-66, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao/article/viewFile/3811/2695>>. Acesso em: 14 nov. 2012.